

Reflexão Ecológica

Harald Malschitzky

No final da década de 60, quando o Oeste do Paraná ainda era relativamente despovoado e sua maior área era coberta por uma espessa mata virgem, escrevi uma pequena reflexão na última página do boletim paroquial chamado *O Mensageiro*, que levava o título “A fé cristã e a natureza”. A tese era uma pergunta: o que seria daquela área verde dentro de algumas décadas mais, a continuar o processo de desmatamento? É bom lembrar que naquela época a ferramenta ainda era o machado e derrubar árvores centenárias era trabalho duro. A resposta foi um sonoro silêncio! Fiquei com a impressão de ter atirado palavras ao vento. Até que um dia, numa conversa com um agricultor que brincava com a idéia de montar uma serraria, veio a interpretação lapidar do silêncio. Disse-me aquela pessoa, sem rodeios ou meias palavras, que eu ficasse com a Bíblia e deixasse eles encarregados de vencer a selva com suas armas. E quando perguntei pelo que seria das milhares de crianças e jovens que iriam herdar uma terra árida, a resposta veio curta e certa: Eles que façam o que fizemos, indo adiante para o Mato Grosso e mais para o norte e talvez até para o Paraguai. Hoje, quase duas décadas e meia depois, é preciso admitir que o homem tinha razão. Algumas centenas de milhares de brasileiros são *brasiguaios* e começam a ter seus primeiros problemas mais sérios em terras estrangeiras; centenas de milhares de pessoas, famílias inteiras, se espalharam pelos dois estados do Mato Grosso e pela Rondônia, Goiás e até Bahia. Um número considerável de famílias retornou a seus lugares de origem em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. A mata deu lugar às áreas sempre mais extensas de monocultura do binômio soja/trigo e só de vez em quando há pequenos capões de mata nativa, quase que em memória do que havia no passado. Os rios, que na época tinham águas límpidas e eram a alegria dos banhistas, hoje são barrentos, cor de sangue, levando em suas águas a camada mais fértil da terra e quantidades consideráveis de agrotóxicos, que se encarregaram de eliminar a maioria dos peixes que existiam. Aliás, esta forma de monocultura eliminou e aniquilou também a flora que era rica e variada. Surgiram, paralelamente, cidades de pequeno e médio porte que são bonitas e, com poucas exceções, bem arborizadas. É interessante, porém, que, à medida que se criaram mais espaços através do desmatamento maciço, mais e mais o lugar para as pessoas ficou menor (!) e o número de habitantes no campo teve que diminuir de forma radical.

Nos primeiros anos da década de 70, quando se publicaram alguns dados do que viria a ser a Hidrelétrica de Itaipu, se tornou público também que o lago deveria ter em torno de 1.350km² de superfície, bem mais extensa do

que a área da maioria dos municípios da área. Escrevi um comentário sob o título “Itaipu, holocausto do século XX” no semanário *A voz do Oeste*¹. Muita gente não me tomou a sério e, à boca pequena, sussurrava que eu deveria estar vendo fantasmas ou que era o perfeito D. Quixote. Entre os argumentos que eles tinham estava, por exemplo, a idéia de que um rio do tamanho do Rio Paraná não poderia ser represado; já outros diziam que mesmo que se concretizasse a represa, jamais a água alagaria tanta área, pois o leito do rio era muito profundo. Por isso mesmo, continuavam, a mata ciliar do rio, com sua fauna, não seria atingida, assim como não seriam submergidas as Sete Quedas, mais ou menos 200 km rio acima. Em favor do empreendimento se dizia que a energia elétrica era uma necessidade premente e que a represa seria um instrumento de progresso. A própria Itaipu Binacional saiu imediatamente a campo para acrescentar que a represa seria também um elemento importante no controle das enchentes do rio Paraná e que, ao redor do lago, seria formado um cinturão verde em toda a sua extensão. Obviamente todas as famílias seriam indenizadas de forma justa, não em último lugar porque cederiam o seu chão para uma obra de grande significado social. Mas, à medida que se davam passos concretos para a construção da represa, aumentou o número de pessoas e entidades que alertavam para os problemas que Itaipu iria gerar a par da energia elétrica, mormente para a fauna, flora e pessoas. É fato notório de que nem todas as ações de protesto na forma de acampamentos, documentos, etc., foram suficientes para que os colonos recebessem um preço justo por sua terra, ou seja, terra por terra; não houve nenhuma indenização por danos não computáveis como, por exemplo, toda a ligação com a terra, o lugar e as relações sociais que se haviam estabelecido desde os primórdios daquela colonização; e o Acampamento Ecológico Quarup, realizado em julho de 1982 dentro do Parque Nacional das Sete Quedas, nada mais foi do que um adeus definitivo a mais uma das maravilhas da criação. Hoje não há vestígios das Sete Quedas e técnicos discutem a possibilidade de explodir as rochas que restam submersas a fim de facilitar a navegabilidade lago e rio acima. Mas é justamente a primeira quinzena do nosso janeiro de 1990 que está revelando o que se negava. As grandes barragens, também Itaipu, não impedem as cheias e não têm capacidade de exercer controle sobre elas. Muito pelo contrário, quando suas comportas precisam ser abertas, aumentam as áreas inundadas e a fúria das águas é maior, invadindo e arrastando flora, fauna e cidades. O que fora apregoado como solução, é uma ameaça para muita vida. Acrescente-se, a título de comentário, que até hoje Itaipu ainda não está gerando a energia prevista. A história de toda a gente que foi deslocada e que foi espalhada para todos os quadrantes, ainda está por ser escrita...

Temos aqui dois exemplos de profundas alterações ecológicas, ambas em uma área relativamente pequena em relação à área brasileira como um todo.

A terra desmatada, é verdade, não está devoluta, abandonada, sem uso. Muito pelo contrário, ela produz muito e muito bem. No entanto, o que era área de pequenos agricultores que praticavam uma agricultura diversificada,

hoje está marcada pela monocultura do binômio soja/trigo. A mata virgem com toda sua vida foi vencida e aniquilada.

O lago de Itaipu está concluído e até praias foram organizadas mediante calçamento do fundo d'água e do aterro com milhares de caminhões de areia. O lago serve também para a prática de esportes e alguma pesca, e é usado como caminho fácil para o contrabando de todo tipo entre o Brasil e o Paraguai. O cinturão de mata ciliar está longe de ser concluído. Os animais silvestres que existiam na área, sumiram de vez. Restam aqueles que estão confinados em um pequeno zoológico organizado pela própria Itaipu Binacional em Foz do Iguaçu, mas zoológico não é necessariamente um projeto ecológico!

Em ambos os casos se tenta no varejo o que se tomou no atacado, para tomar emprestada uma formulação de Werner Altmann². Manter pequenas manchas da mata original, plantar algumas árvores (ainda que no final sejam milhares!), organizar um zoológico: Tudo isso revela a mentalidade corrente, a saber que, de um lado está o ser humano, todo-poderoso, que comanda o espetáculo e que faz o que bem entende com a flora e a fauna, devolvendo algumas migalhas mais adiante, e de outro a flora e a fauna, mais ou menos vítimas passivas da irracionalidade do ser humano. Só paulatinamente estamos entendendo que esta concepção é falsa e que suas conseqüências podem ser catastróficas, porque destruir no atacado e refazer no varejo é um método incapaz de manter o equilíbrio e a harmonia entre as coisas. A postura do senhor e dominador absoluto, de desbravador, cantada em prosa e verso e filmada no melhor estilo das grandes epopéias, é um desastre. Ela tem o efeito de um bumerangue na mão de quem não o sabe usar: acerta o próprio pescoço. Ainda em um programa de TV levado ao ar pelo *Partido Verde* no dia 18.01.90 em cadeia nacional, esta relação entre ser humano e natureza como um todo ficou bem evidenciada. E no mesmo dia, o *Jornal Nacional* mostrou, à mão de fotos tiradas por satélites, as verdadeiras dimensões do estrago provocado pela lavra do ouro junto aos rios do norte brasileiro, sendo atingidos simultaneamente e em plena selva amazônica, as plantas (porque se cavam enormes buracos e clareiras para a lavra), os peixes (porque o mercúrio é veneno que vai para os rios em doses maciças), os animais terrestres e a população que vive nas proximidades destes rios (porque tanto a água como os peixes fazem parte de sua sobrevivência). A título de ilustração: Em documentário sobre o garimpo brasileiro levado ao ar por um dos canais de TV da Áustria em agosto de 1989, um garimpeiro entrevistado dizia que o peixe para eles mesmos se alimentarem era trazido de avião de uma distância de cerca de 500 km!!!

No entanto, as proporções de estrago na Amazônia são de alcance mais ou menos universal, o que se evidencia na discussão internacional sobre o papel da floresta amazônica para o mundo, independente do fato de ela ser ou não o pulmão do mundo, tese sustentada por uns e negada por outros, como se pode ver nestes dois pequenos textos de publicação muito recente (1990!):

Uma das bobagens espalhadas na Europa e nos Estados Unidos, com o respal-

do de ecologistas e associações de proteção à natureza, é que a Amazônia seria o “pulmão do mundo”.³

A questão da Floresta Amazônica é muito importante porque interfere na reciclagem de oxigênio na atmosfera do planeta. Sem falar nas espécies animais que correm o risco de desaparecer. No momento em que eliminarmos espécies animais, reduzimos a possibilidade de evolução da vida na Terra.⁴

Mas, para a ecologia os limites geográficos não deixam de existir apenas no caso da Amazônia por sua extensão e sua riqueza. Os exemplos de problemas e desequilíbrios ecológicos são universais. Assim, os países da Europa Central são atingidos todos, com maior ou menor intensidade, pela poluição ambiental que agride sistematicamente as matas e bosques existentes. O descuido de um país vai se refletir também na qualidade de vida ambiental do outro. E isso ainda não basta. Não que se refere à poluição ambiental, já estamos um passo adiante. Basta lembrar que há mais ou menos duas décadas se discutia sobre o risco que significavam os super-petroleiros entre 200 e 300 mil toneladas. Eles estão aí, navegando por e para todos os lados, a ponto de também países pequenos como, por exemplo, Cuba, terem que instalar portos para *superpetanqueros*. Em decorrência deste enorme progresso no transporte, volta e meia nos defrontamos com um desastre ecológico a mais nos mares do planeta.

Estes exemplos, que podem ser multiplicados muitas vezes, mostram que a destruição da vida, em sentido amplo, em se abstraindo de todos os conflitos bélicos, caminha a passos largos. Se, por um lado, a ciência conseguiu aumentar consideravelmente a expectativa de vida do ser humano, por outro vamos destruindo o ambiente em que esta vida a mais deve ser abrigada e se desenvolver, inclusive a atmosfera, como o lembra o Prêmio Nobel de Medicina Jean Dausset quando diz:

Existe na atmosfera uma inércia fantástica: o que você faz em 1990 terá repercussão dez anos depois e se você não toma providências em 1990 a catástrofe inevitavelmente vai acontecer no ano 2000. (...) Já existem previsões científicas de uma catástrofe ecológica de tal dimensão que a Terra, já no ano 2025 ou 2050, poderá ter uma temperatura média acima da atual, de forma a tornar a vida impossível.⁵

em decorrência, entre outros, da destruição da “capa” de ozônio que envolve e protege a terra.

A realidade que vivemos nos ensina de forma clara que o ser humano não pode ficar destruindo o ambiente que o cerca, sob o pretexto de viver melhor e mais intensamente (ou outro qualquer!), porque ele está e estará destruindo simultaneamente a si mesmo. Existe uma interrelação harmoniosa entre o ser humano e a natureza em termos amplos, da qual ele não se pode livrar sob pena de praticar suicídio.

A pergunta que se impõe — e isso não é de hoje — é o que fazer. Não resta dúvida de que em muitos lugares do planeta têm sido tomadas providências para salvar o nosso ambiente. Há propostas ingênuas e românticas na linha do retorno incondicional às origens e à natureza e há propostas que ten-

tam partir desta nossa realidade que acusa a existência de mais de 5 bilhões de pessoas sobre a face da terra. É seguro que a humanidade de hoje já não mais pode retornar ao passado, fazendo de conta que tudo o que existe é pura fantasia ou pode ser apagado com um simples movimento. Particularmente me parece que nem ao menos seria possível toda a humanidade alimentar-se apenas pelos receiptuários naturalistas, por mais que eles mereçam ser tomados a sério.

No varejo — é importante ressaltar — têm acontecido algumas propostas e ações consideráveis. Lembro aqui a recuperação do rio Tâmis na Inglaterra e de tantos outros por aí. Lembrem-se as leis severas impostas à indústria automobilística no sentido de diminuir a emissão de gases tóxicos pelos carros, caminhões e aviões ou ainda outras impostas à indústria química, mormente no tocante aos agrotóxicos. Aqui no Brasil há muitos grupos ecológicos com projetos concretos, como, por exemplo, o empenho para recuperar o Rio dos Sinos na área de São Leopoldo ou, então, a questão da reciclagem do lixo doméstico e industrial e, ainda, reflorestamentos a longo prazo. Todas estas propostas têm seu grau de seriedade, responsabilidade e empenho de gente que acredita e que luta pela vida. No entanto, o alcance de todas estas ações ainda não é universal. Elas são a devolução no varejo do que se toma da natureza por atacado, o que de forma alguma lhes tira os méritos.

Mas, é verdade também que já existem algumas propostas mais globais, propostas que tentam ir além de uma reposição no varejo. Isso se mostra, por exemplo, num documento da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento⁶ ou na palestra que a presidente desta comissão apresentou na assembléia da Federação Luterana Mundial, em Curitiba⁷. Fica claro que o assim chamado Primeiro Mundo é o maior responsável pela destruição que há e pelo lixo industrial⁸. Uma das palavras-chave da proposta mais global e abrangente, é de um “desenvolvimento responsável”, isto é, de um desenvolvimento que respeite os seres humanos em sua dignidade de criatura e a natureza em toda a sua amplitude. Para isso acontecer, segundo estes documentos e discussões que ocorreram, serão necessárias algumas mudanças fundamentais e radicais, como, por exemplo: tratados de paz que tenham sempre menos armas para se garantirem; economia radical de combustíveis, sobretudo no mundo desenvolvido que também no verão mantém suas calefações ligadas; investimento maciço para o aproveitamento de energia de fontes perenes como o sol e o vento; reflorestamentos com apoio financeiro do mundo desenvolvido; projetos comuns e conjuntos entre muitos países; solução dos problemas de miséria do Terceiro Mundo, mediante investimentos que não redundem em exploração ou endividamento; manutenção das florestas que ainda existem, principalmente as tropicais, como a amazônica.

Há, aí, exemplos de uma busca de soluções mais globais. Por enquanto o fato de sempre mais pessoas, grupos, entidades e países se preocuparem com a questão, já é um sinal de esperança. É claro que isso, por si só, não soluciona o problema que é a nossa própria destruição. Ainda não se tem os mecanismos para pôr em prática estes planos, porque a curto e médio prazo eles não

têm fins lucrativos. Trata-se de investimentos a “fundo perdido”, uma idéia contrária a praticamente tudo que se tem feito até hoje a nível de natureza e ser humano, porque acima de tudo tem sido e está sendo colocado o lucro. Somente se se conseguirem mecanismos fortes e eficientes, usados por pessoas que não colocam a ganância e o lucro em primeiro lugar, há chances de mudanças por atacado, o que exige abnegação e muita coragem. A própria natureza, por sua vez, já está dando os frutos da ação predatória do ser humano, o que é um argumento forte e contundente em favor de mudanças radicais.

Notas

- 1 Infelizmente não mais possuo exemplares d'O *Mensageiro* ou da *Voz do Oeste*, pelo que os dados ficam incompletos.
- 2 Werner ALTMANN (artigo nesta revista).
- 3 Cesari BENVENUTI, uma taxa para respirar, *Revista Veja*, São Paulo 23(1113): 98, 17 jan. 1990.
- 4 Ibid.
- 5 Jean DAUSSET, alerta aos cientistas, *Revista Veja*, São Paulo 23(1113): 5, 17 jan. 1990.
- 6 *Da terra ao mundo*, s. d. (fotocopiado)
- 7 Gro Harlem BRUNDTLAND, s. t., Curitiba, 2 de fev. 1990 (mimeografado, doc. 3.5).
- 8 Ibid, p. 2.